

A ROUPA POLÍTICA: A DIMENSÃO ARGUMENTATIVA IMPLÍCITA NAS ROUPAS DAS PRIMEIRAS-DAMAS TEMER E TRUMP COMO REAFIRMADORA DO *ETHOS* POLÍTICO DE SEUS MARIDOS

Kelly F. Mayrink Drumond

Mestranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)
kellymayrinkbh@gmail.com

RESUMO

A indumentária, uma linguagem antiga e universal, funciona como forma de informação e comunicação. O uso de determinada vestimenta caracteriza o status e a posição social do indivíduo, definindo-o ou descrevendo-o. Ao identificar-se com um determinado grupo e, conseqüentemente, usar as suas roupas características, tem-se o reflexo do pensamento e da ideologia de quem a veste. Em 2016, um dos maiores veículos midiáticos reproduziu uma análise sobre a mensagem por trás das roupas escolhidas pelas primeiras-damas do Brasil, Marcela Temer, e a dos Estados Unidos, Melania Trump, em eventos sociais. Com base nesse corpus e partindo dos dispositivos teóricos da Análise do Discurso, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a prática discursiva não verbal intrínseca às roupas, e seu papel legitimador do *ethos* político de seus maridos. A análise será feita a partir, principalmente, dos postulados de Amossy (2008) e Charaudeau (2008), sobre a construção do *ethos* e o discurso político.

Palavras-chave: discurso; roupas; *ethos*; Marcela Temer; Melania Trump.

ABSTRACT

The attire, an ancient and universal language, is an important mode of information and communication. The use of specific vestment characterizes the social status and class of an individual defining or describing him. In this context, it is possible to determine the ideology of a person by identifying it with a particular dress code of a specific social group. In 2016, one of the leading media companies produced an analysis related to the message transmitted, at social events, by the attire of Marcela Temer and Melania Trump, respectively Brazil's and the United States' first ladies. Based on the aforementioned considerations and utilizing Discourse Analysis theory, the present article has the objective of reflecting upon non-verbal discursive practice intrinsic to clothing. In addition, it has the intent of evaluating the legitimating role of the political *ethos* of their husbands, Temer and Trump. The analysis will use primarily Amossy (2008) and Charaudeau (2008) postulates, which are related to the construction of *ethos* and political discourse.

Keywords: discourse analysis; clothing; *ethos*; Marcela Temer; Melania Trump.

Introdução

A escolha de determinada roupa é um ato complexo, repleto de significações e cargas ideológicas, como uma espécie de código. “Diga-me o que vestes e eu te direi como estás, quanto tens, a que grupo pertences”, é a frase usada por Coelho (1995) que ilustra a carga de informação existente nas roupas. Para o filósofo francês Gilles Lipovetsky, em sua obra *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas* (2001), “a moda tem ligação com o prazer de ver, mas também com o prazer de ser visto, de exhibir-se ao olhar do outro”. O autor associa a moda a um aparelho gerador de juízo estético e social.

Manifesta-se pela escolha das roupas, a tendência para pertencer, ou querer ser considerado como pertencente a uma determinada categoria ou tipologia. Segundo Dorfles (1979), a bata de um médico, a toga de um advogado e o barrete de um religioso são suficientes para declarar a pertença de um indivíduo a uma dessas categorias sociais ou profissionais. É como se, pelas roupas, o sujeito dissesse: “faço parte dessa classe social” ou “faço parte dessa casta”. E, ainda assim, estaria sob a distinção hierárquica de subgrupos dentro de um grupo. Esse caráter ideológico é reafirmando por Umberto Eco (1982, p. 17), quando diz que “a linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certos significados, mediante certas formas significativas. Serve também para identificar posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para transmitir”.

Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela usa. Desde o período dos homens primitivos, o uso de uma determinada pele de animal, mais difícil de

caçar, atribuía-lhe mais prestígio. Mesmo calado o sujeito se mostra, mostra a sua imagem.

Os indivíduos vivem no interior de um grande número de diferentes instituições, o que Silva (2000) chama de “campos sociais”, tais como: família, grupos de colegas, as instituições educacionais, grupos de trabalhos ou partidos políticos. Para o autor, a participação dos indivíduos nesses campos sociais é exercida em graus variados de escolha e autonomia. Daí a importância da aparência que é vetor de agregação. “A estética é um meio de experimentar, de sentir em comum e, também, um meio de reconhecer-se” (MAFFESOLI, 1998).

No suporte do corpo do usuário, a vestimenta aparece como uma das principais formas de discurso da identidade, no sentido de que aquilo que é usado tende a externalizar o que é intrínseco ao sujeito. É o que Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 433) explicam ao afirmarem que “discursos sociais se configuram ora de maneira explícita, ‘objetivando-se’ em signos emblemáticos, ora de uma maneira implícita, por alusão”.

Essa construção de autoimagem feita por intermédio das roupas propicia a análise sobre a ideação de um possível *ethos*, que seja o fiador das ideologias do grupo ao qual se faz parte, visto que, segundo Heine (2009, p.64), “co-enunciadores, baseados em estereótipos estabelecidos socialmente, atribuem aos enunciadores determinadas características e não outras”. Dessa forma, pode-se entender que a construção da identidade é tanto simbólica quanto social, e a imagem de si é produto de uma criação discursiva.

Tal noção torna-se fundamental para a análise de duas reportagens divulgadas pela Folha de São Paulo, que avaliam as roupas escolhidas pela primeira-dama do Brasil,

Marcela Temer, durante o desfile de 7 de setembro de 2016, e a vestimenta escolhida pela primeira-dama dos Estados Unidos, Melania Trump, para a posse do marido. A partir dessas duas veiculações da mídia, observa-se a lógica identificatória da moda construída a partir dos discursos firmados através da indumentária. Esse autorretrato discursivo afirmado na moda funciona como um pacto referencialista dos discursos advindos do mundo dos políticos.

As duas matérias do jornalista Pedro Diniz constituem o *corpus* dessa pesquisa, que busca avaliar a dimensão argumentativa implícita nas roupas como forma de validação de um *ethos* político.

Sob esse cenário, buscaremos analisar, dentro das vertentes dos estudos em Análise do Discurso (AD), os conceitos de *ethos* e suas derivações, identificando a roupa das primeiras-damas como uma prática discursiva não verbal, legitimadora dos discursos políticos dos seus maridos.

1. A construção do *ethos*

O discurso político como ato de comunicação, segundo Charaudeau (2008), concerne mais diretamente aos atores que participam da cena de comunicação política, cujo “desafio consiste em influenciar as opiniões a fim de obter adesões, rejeições ou consensos”. Em sintonia a esse pensamento, a moda, um dos fenômenos sociais mais importantes dos tempos modernos, se centra pela necessidade de ‘passar a imagem de’, afirmando ou desconstruindo discursos, sendo uma das formas mais seguras de captar as motivações socioeconômicas e culturais das pessoas.

Para a construção teórica dessa pesquisa, trabalharemos com a noção de *ethos* pautada pelos estudos organizados no livro de Ruth Amossy (2008), *Imagens de Si no Discurso: a construção do ethos*. Ao retomar Aristóteles, a autora afirma que *ethos* é a imagem de si projetada pelo orador que deseja agir por meio de sua palavra. A partir dessa definição, podemos levantar a hipótese inicial de que o discurso da roupa é essencialmente argumentativo na re(afirmção) de um *ethos*, destinado a um auditório particular, sobre o qual recairia a necessidade de persuadir. É o que Fiorindo (2012) reforça quando elucida a noção do *ethos* na Retórica, que mobilizava características extradiscursivas permitindo, assim, que oradores utilizassem características físicas como roupas, mímicas e feições, entre outras artimanhas, com o objetivo de construir uma autoimagem positiva.

A construção dessa autoimagem - possível pelo discurso verbal e não verbal - não necessita ser real, mas precisa ser verossímil. Trata-se da encenação da imagem do enunciador, propiciando ao público-receptor do discurso o reconhecimento e, assim, intensificando a adesão ao discurso político.

Esse comportamento do enunciador/locutor aumenta ou diminui o grau de confiança, de honestidade e demais características que lhe é atribuído. Para Marcelo Dascal (2008), pode-se dar conta desse fenômeno através do que o autor define como “proposicionalização”, que consiste em extrair proposições da informação sobre o caráter transmitido pelo comportamento.

Essas proposições podem funcionar como as premissas ordinárias de um argumento. O auditório faria, nesse caso, inferências a partir de observações sobre o comportamento do locutor ... e essas inferências produzem crenças proposicionais

("[Eu tenho confiança na...]", "[Creio que] L é um especialista", "[Estou seguro de que]..."). (DASCAL, apud AMOSSY, 2008, p. 63).

Outra maneira apontada pelo autor seria a da informação "captada" pelo auditório, entendendo como perceptível certa atitude, um estado de espírito em relação à troca comunicativa em curso, o que permite, então, escolher um esquema de interpretação mais adequado.

A partir dessas premissas, e sabendo que o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, não se pode ignorar a imagem que o auditório faz previamente do locutor. Trata-se do *ethos* prévio, que Maingueneau (2008, p. 15) referencia ao afirmar que "não se pode ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale". Essa concepção de *ethos* prévio traz à tona a sua relação com a construção dos discursos sociais, políticos e biográficos pela imagem, por meio da corporalidade do fiador, permitindo-se inferir e/ou hipotetizar previamente um *ethos*. Maingueneau afirma que "a corporalidade está associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social" (2008, p.18), e contribui para reforçar ou transformar a enunciação.

A partir dessa imagem preexistente do locutor/enunciador, pode-se entender a roupa como um artifício discursivo não verbal que legitima ou desconstrói o *ethos* de um sujeito político que, para Charaudeau (2008, p. 79), "deve se mostrar crível e persuadir o maior número de indivíduos de que ele partilha certos valores".

No domínio político, a construção das imagens só tem razão de ser se for voltada para o público, pois elas devem funcionar como suporte de identificação, via valores comuns desejados. O *ethos* político deve, portanto, mergulhar nos imaginários populares mais amplamente partilhados, uma vez que deve atingir o maior número,

em nome de uma espécie de contrato de reconhecimento implícito. O *ethos* é como um espelho no qual se refletem os desejos uns dos outros. (CHARAUDEAU, 2008, p. 87).

Com base nos conceitos apresentados, investigar-se-á a representação prévia - ou o *ethos* transmitido – relacionado à identidade político-discursiva de Michel Temer e Donald Trump, compreendendo a roupa de suas esposas como vocalizador do discurso da história e da memória.

2. As reportagens e suas representações

Como citado anteriormente, estilo, competências linguísticas e crenças implícitas são suficientes para construir uma representação da pessoa. “De fato, a noção tradicional de *ethos* recobre não somente a dimensão vocal, mas também o conjunto das determinações físicas e psíquicas atribuídas pelas representações coletivas à personagem do orador”, contextualiza Maingueneau (2005, p. 72).

O domínio persuasivo das roupas no âmbito da atividade política pode ser observado nas reportagens veiculadas pela Folha de São Paulo, em 8 de setembro de 2016, intitulada “Marcela Temer vestiu resumo de mensagem que marido quer passar”, e em 20 de janeiro de 2017, intitulada “Melania imita Jackie Kennedy em posse de coincidências e estilo datadoⁱⁱ”.

Em ambas, o colunista Pedro Diniz, busca (re)conhecer a geração e transmissão de informações consolidadas por meio das indumentárias escolhidas pelas mulheres sob o título de primeiras-damas. Com base nessas avaliações, pode-se inferir, através das roupas, um *ethos* aos atuais presidentes Michel Temer e Donald Trump, fazendo, assim,

que a roupa funcione como um contrato de comunicação afirmador dos discursos de governo de seus partidos.

Para compreender as representações identificadas nas reportagens e os pontos de vista imbricados nelas, vale contextualizar que Marcela Temer e Melania Trump são duas mulheres reconhecidas pela beleza e por seus papéis influenciadores no universo da moda. Além de carregarem a semelhança das iniciais dos nomes (MT), as duas primeiras-damas são ex-modelos e, ambas, são terceiras esposas oficiais dos respectivos cônjuges. As duas também lideram projetos sociais apoiadas por seus maridos septuagenários.

Ao referir-se ao modelo escolhido por Marcela Temer para o desfile da Independência, em Brasília, Diniz analisa o vestido escolhido pela primeira-dama como um resumo do que o marido Michel Temer gostaria de transmitir no início de sua gestão como presidente: “serenidade, ordem e progresso”.

Figura 1 - O vestido de Marcela Temer em evento de 7 de setembro 2016, em Brasília



Fonte: Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1811230-marcela-temer-vestiu-resumo-de-mensagem-que-marido-quer-passar.shtml>>. Acesso em: 11 fev. 2017

O vestido branco, sem mangas e de colo descoberto, assinado pela estilista brasileira Luisa Farani com preço de R\$ 618,00 (segundo o *site* da grife), faz parte de um jogo político da moda, segundo o jornalista.

Michel Temer assumiu o governo do Brasil em um cenário político conturbado, após decisão do Senado pelo *impeachment* da presidente anterior Dilma Rousseff. Desde então, a impopularidade do novo presidente só vem aumentando, e a roupa de Marcela contradiria qualquer forma de ostentação. Sob essa perspectiva, “o corte relaxado, minimalista, aliado à ‘cor da paz’, produziu mensagem de limpeza e simplicidade, cujo papel pode ser lido como contraste ao clima de ebulição dos protestos anti-governo”, afirma Diniz em sua coluna.

Outra ponderação quanto à simplicidade do vestido - mesmo que a ocasião pedisse uma indumentária mais protocolar -, é que a escolha da primeira-dama cria uma proximidade ao vestuário de brasileiras de classe média, mesmo tendo custado quase um salário mínimo. Pela análise de Diniz, o valor agregado a isso é incalculável e “também soa como resposta a quem acusa Michel Temer de ser um político distante do povo”.

Até aqui, de acordo com os conceitos teóricos apresentados anteriormente, nota-se que a roupa de Marcela busca transparecer uma autoimagem que carrega o *ethos* de confiabilidade e credulidade, evitando-se a fúria, o que nos faz resgatar Charaudeau (2008), ao explicar sobre os discursos da razão e do afeto para identificar os *ethé* de credibilidade e identificação, além “da busca do político de construir para si o *ethos* de sério, de virtuoso e de competente”.

Um detalhe da roupa que visivelmente denota a gestão do *ethos* de Marcela Temer pode ser notado no comentário do jornalista ao apontar que “a abertura na parte de cima do busto e o plissado imperceptível são a vaga lembrança do furacão loiro que saiu da

rampa do planalto em 2011, na primeira posse de Dilma Rousseff, para virar assunto em sites de moda”. Na ocasião, Marcela optou por um tubinho estruturado - que mais parecia uma blusa e saia com comprimento abaixo do joelho -, com a parte de cima marrom e a de baixo rosa-antigo, assinado pelo estilista paraense André Lima. Para completar o visual, brincos de pérola sintética e cristais Swarovski e uma bolsa-carteira de seda.

Figura 2 - O vestido de Marcela Temer em posse de Dilma Rousseff em 2011, Brasília



Fonte: Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1811230-marcela-temer-vestiu-resumo-de-mensagem-que-marido-quer-passar.shtml>>. Acesso em: 11 fev. 2017

O vestido deixou o ombro da atual primeira-dama à mostra e foi chamado de “ousado” pela consultora de moda Costanza Pascolato. “Se houvesse protocolo no Brasil, ela não poderia ter ido à posse vestida com aquela roupa”, disse Costanza, segundo veiculação da revista *Época*ⁱⁱⁱ.

Em entrevista concedida em 2011 à revista *Trip*, a bela jovem de trança loira contou sobre a escolha da roupa usada na posse da presidente Dilma Rousseff: “Não vou usar grife. Não sou nem quero parecer pretensiosa”. Nessa mesma entrevista, Marcela Temer confessou que aproveitava as ocasiões mais íntimas para “vestir roupas justas, decotadas

e que deixem as pernas à vista, como ela gosta, mas evita usá-las em público. ‘Não são apropriadas para o meio político’”, disse^{iv}.

Para a construção dessa pesquisa, a dubiedade entre o vestido escolhido por Marcela Temer para o desfile de 7 de setembro e seu confesso sobre gostos indumentários, pode-se retomar a noção do *ethos* como simulacro, criado pelo sujeito de maneira conscientemente ou não, que pode ser mais ou menos verossímil de acordo com estratégias de elaboração. Percebe-se assim, que a primeira-dama “abre mão” do seu estilo preferido para ser fiadora do *ethos* político do marido.

Quanto à escolha de Melania Trump, o jornalista Pedro Diniz contextualiza a polêmica acerca da primeira-dama dos Estados Unidos. A rejeição do republicano Donald Trump por um grande percentual de americanos, fez com que Melania sofresse um boicote da indústria de moda americana à sua família. Mesmo sendo considerada uma grande honra para um estilista ter suas criações exibidas em tão renomadas cerimônias, vários designers indicaram que não se interessavam por vestir Melania Trump.

Entre os que se recusaram, está a nova-iorquina Sophie Theallet, que categoricamente disse que não vestiria Melania Trump, citando a retórica de racismo, sexismo e xenofobia desferida na campanha presidencial de seu marido^v.

Sei que não é muito esperto se envolver em política (...). Como imigrante neste país, fui abençoada em poder perseguir meus sonhos nos Estados Unidos. Vestir a primeira-dama Michelle Obama nos últimos oito anos foi uma honra. E como uma pessoa que celebra a diversidade, a liberdade e tem respeito por todos os estilos de vida, eu não vou vestir ou me associar à próxima primeira-dama. A retórica de racismo, sexismo e xenofobia desencadeada pela campanha do marido dela são incompatíveis com os valores que compartilhamos”, disse a estilista (O GLOBO,

2016).

Outros exemplos são Carmen Marc Valvo, que já vestiu a primeira-dama no passado, mas afirmou que "de acordo com as circunstâncias e a partir de uma perspectiva política, não tenho desejo de vestir a próxima primeira-dama"^{vi} e o estilista Tom Ford que justificou a negativa dizendo que suas roupas "são muito caras para uma mulher na posição que ela vai ocupar. Ela tem que criar uma imagem que vai se relacionar com todo mundo. Isso vai ser difícil usando vestidos com preço alto"^{vii}, defendeu.

Coube a Melania um vestido monocromático acompanhado de um casaco cruzado de gola alta, com luvas de camurça e sapatos *escarpin* no mesmo tom azul-bebê, presa a uma estética tradicional. O modelo escolhido é assinado pelo estilista americano Ralph Lauren, responsável por vestir outras primeiras-damas como Michelle Obama e Hillary Clinton, e polemizou ao ser comparado ao estilo de Jacqueline Kennedy, esposa de John F. Kennedy, presidente dos Estados Unidos entre 1961 e 1963.

Figura 3 - A roupa de Melania em posse de Donald Trump, em 20 de janeiro de 2017, nos Estados Unidos



Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:POTUS_arrives_\(32490053511\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:POTUS_arrives_(32490053511).jpg)>. Acesso em: 22 maio 2018.

De acordo com a publicação da Folha de São Paulo, Diniz faz duas leituras acerca da escolha da primeira-dama. Uma delas refere-se à aproximação do estilo de Melania ao de sua antecessora Kennedy, conhecida como "rainha dos EUA". A segunda leitura diz respeito à imagem do estilista Ralph Lauren que, assim como Trump, representa o *ethos* nacional dos Estados, o 'sonho americano': "foi pobre, empreendeu e construiu um império de bilhões".

Para a investigação das possíveis motivações de Melania para a escolha da roupa usada na "*Inauguration Day*", como os americanos chamam o dia da posse, remetemo-nos aos estudos de Rondelli e Herschmann (2000), ao mostrarem o passado como uma referência emblemática para a cultura contemporânea, criando laços de continuidade e sentido de permanência.

A estratégia da primeira-dama para a escolha da roupa condiz com essa busca por referências exemplares do passado, uma vez que o discurso de Trump sempre carregou um viés nostálgico, glorificando o passado. Assim, o retorno de Melania à indumentária referenciada à ex-primeira-dama Jacqueline Kennedy, legitima o *ethos* de conservadorismo do atual presidente dos Estados Unidos. Sobre essa busca pela origem, Charaudeau escreve:

O recurso a esse imaginário serve para tranquilizar as populações diante da ameaça que poderia representar esse outro imaginário que é a "modernidade" em seu aspecto anti-histórico: a modernidade não teria por horizonte senão o progresso tecnológico, fuga para o futuro que nos faria dar as costas ao passado e às nossas origens, ocasionando uma subversão dos modos, que faria as populações perderem sua identidade (CHARAUDEAU, 2008, p. 212).

Entendendo a roupa como uma forma de manter um *status quo* relacionado a processos sociais de valorização, desvalorização, diferenças e semelhanças, a comparação de Melania à Jacqueline pode ser fundamentada pelas teorias de Jean Baudrillard (1991) e seus estudos sobre a relação entre realidade, símbolos e sociedade. A necessidade de presentificar o passado funciona como uma simulação, um *ethos* fabricado, uma espécie de máscara que busca entrecruzar fabulação e experiência. Por meio do resgate de um estilo de roupa emblemático, Melania reforça a busca pela continuidade da aura de um momento passado. Pela avaliação do jornalista, “Melania deve, então, assumir um simulacro de Jacqueline Kennedy. Sorrir para a foto, acompanhar o marido em viagens oficiais e promover festas estonteantes no castelo de vidro de sua Trump Tower, em Nova York”, escreve.

Isso reforça a hipótese inicial dessa pesquisa, mostrando que o discurso não verbal percebido nas roupas das primeiras-damas trata de uma escolha constitutiva de sentidos e repleta de valores e virtudes, reafirmando também uma memória de tempo e de espaço.

Essa elaboração da visão de si para gerar valores pode ser calcada nos fundamentos de Charaudeau (2008, p. 137), ao citar a alquimia complexa que resulta no *ethos* político, “feita de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de declarações verbais”, relacionado às expectativas dos cidadãos que atribuem valores por meio de imaginários.

Considerações finais

A construção de um *ethos* não se entende apenas relacionada a atos de comunicação exclusivamente orais. A roupa faz parte de um posicionamento discursivo, representando opções ideológicas. A escolha de determinada vestimenta não representa apenas um atributo exterior. A corporalidade atribuída a um fiador também acontece por meio da maneira de se vestir.

A partir dos pressupostos teóricos apresentados ao longo dessa pesquisa, torna-se possível a construção de uma leitura acerca das escolhas das roupas das primeiras-damas, tendo a indumentária como índice de (re)afirmação do *ethos* político de seus maridos.

Marcela Temer e Melania Trump nitidamente usam a moda - um dos processos mais antigos de comunicação - como um pacto referencialista dos discursos políticos advindos dos seus maridos presidentes, afirmando seus ideais, suas aspirações e suas ideologias.

Com esse percurso de análise, conclui-se que toda a representação imagética das roupas faz parte do comportamento dos atores políticos que buscam, em função da construção de um reflexo de si, inferir um *ethos* eficaz aos seus interesses.

Referências

AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d'água. 1991.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.

- _____; MAINGUENEAU, D. Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2004.
- COELHO, Maria José de Souza. *Moda: um enfoque psicanalítico*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.
- DASCAL, M. O ethos na argumentação: uma abordagem pragma-retórica. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- DORFLES, Gillo. *Modas e modos*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- ECO, Umberto. O hábito fala pelo monge. In: *Psicologia do vestir*. 2 ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.
- ELLE. Donald Trump *responds to Tom Ford refusing to dress Melania*. Disponível em: <<http://www.elle.com/fashion/news/a42235/donald-trump-melania-tom-ford-comments/>>. Acesso em: 11 fev. 2017.
- ÉPOCA. Marcela Temer: a *musa da república*. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI200903-15215,00-MARCELA+TEMER+A+MUSA+DA+REPUBLICA.html>>. Acesso em: 11 fev. 2017.
- FIORINDO, P. P. Ethos: um percurso da retórica à análise do discurso. *Revista Pandora Brasil: o ethos nos estudos discursivos da ciência da linguagem*, out. 2012.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Marcela Temer vestiu resumo de mensagem que marido quer passar*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1811230-marcela-temer-vestiu-resumo-de-mensagem-que-marido-quer-passar.shtml>>. Acesso em: 11 fev. 2017.
- _____. *Melania imita Jackie Kennedy em posse de coincidências e estilo datado*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/01/1851673-melania-imita-jackie-kennedy-em-posse-de-coincidencias-e-estilo-datado.shtml>>. Acesso em: 11 fev. 2017.
- HEINE, Palmira Virgínia Bahia. *Processos de construção do ethos em blogs de pré-universitários e universitários*. Rio de Janeiro: Publit, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *A propósito do ethos*. Disponível em: <<http://www.martinsfontespaulista.com.br/anexos/produtos/capitulos/509327.pdf>>.

Acesso em: 11 fev. 2017.

O GLOBO. Estilista favorita de Michelle Obama se recusa a trabalhar com Melania Trump. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ela/moda/estilista-favorita-de-michelle-obama-se-recusa-trabalhar-com-melania-trump-20486439#ixzz4Yb7TNUMj>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico: sensacionalismo da morte em cena. *Tempo Social Revista de Sociologia, São Paulo, USP*, v. 12(1), p. 201-218, maio de 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petropolis/RJ: Vozes, 2000.

TRIP. *Marcela Temer*. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/marcela-temer>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

ⁱ FOLHA DE SÃO PAULO, Marcela Temer vestiu resumo de mensagem que marido quer passar. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1811230-marcela-temer-vestiu-resumo-de-mensagem-que-marido-quer-passar.shtml>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

ⁱⁱ FOLHA DE SÃO PAULO, Melania imita Jackie Kennedy em posse de coincidências e estilo datado. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/01/1851673-melania-imita-jackie-kennedy-em-posse-de-coincidencias-e-estilo-datado.shtml>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

ⁱⁱⁱ ÉPOCA, Marcela Temer: A musa da República. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI200903-15215,00-MARCELA+TEMER+A+MUSA+DA+REPUBLICA.html>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

^{iv} TRIP, Marcela Temer. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/tpm/marcela-temer>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

^v O GLOBO, Estilista favorita de Michelle Obama se recusa a trabalhar com Melania Trump. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ela/moda/estilista-favorita-de-michelle-obama-se-recusa-trabalhar-com-melania-trump-20486439#ixzz4Yb7TNUMj>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

^{vi} Idem.

^{vii} ELLE, Donald Trump responds to Tom Ford refusing to dress Melania. Disponível em: <<http://www.elle.com/fashion/news/a42235/donald-trump-melania-tom-ford-comments/>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

Recebido em 7 de março de 2018.

Aceito em 18 de maio de 2018.